

Revista Linha Mestra

Ano IX. V. 9 No. 26 (jan.jul.2015)

ISSN: 1980-9026 – DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2015n26>



Foto-poema criado em oficina de experimentação com palavras e imagens do Núcleo de Leitura ALB-Fabulografias (Campinas-SP), a partir de fragmento de poema de Manoel de Barros.

Coletivo Fabulografias

Realização:



movimento por um Brasil literário

*m*B_{Brasil}ⁱ_{lit}

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	2
Alik Wunder	
Marcus Novaes	
APRESENTAÇÃO.....	3
MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO.....	3
Elizabeth D'Angelo Serra	
PROJETO LITERÁRIO PEDAGÓGICO – ESCRITORES DE MINAS CORRESPONDÊNCIA – LENDO E CONHECENDO BARTOLOMEU.....	6
Rosa Maria Filgueiras Vieira	
Maria da Conceição de Oliveira	
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MAR & LIVROS: UM CONVITE PERMANENTE À LEITURA.....	11
Maria Angélica Lopes da Costa Almeida	
OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO: LEITURAS DE IMAGENS E ESCRITAS	16
Alda Romaguera	
Alik Wunder	
Davina Marques	
Alessandra Melo	
Diego Alexandre de Souza	
Cláudio Camargo	
Angélica Brotto	
Guilherme Montenegro	
Maisa Calazans	
Rodolfo Fordiani	
UNI DUNI LER: CLUBE DE LEITURA PARA BEBÊS	22
Alessandra Roscoe	
APROPRIAÇÃO DA ESCRITA POR MEIO DE UM OLHAR LITERÁRIO: COMO DESPERTAR UM LEITOR NA ERA VIRTUAL?	24
Adileusa N. Moura	
BARCA DOS LIVROS: UMA BIBLIOTECA COM ALMA.....	30
Tânia Piacentini	
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA “DONA MARIINHA”: A LITERATURA COMO PROMOTORA DA CIDADANIA	32
Rejane de Souza	

Revista Linha Mestra

Ano IX. V. 9 No. 26 (jan.jul.2015)

ISSN: 1980-9026 – DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2015n26>

Expediente

Editores

Alik Wunder
Marcus Novaes

Comitê Científico

Colegiado de Representantes da ALB
Diretoria da ALB

Participação Especial nesta Edição da Revista Linha Mestra

Movimento Brasil Literário

Elizabeth D'Angelo Serra
Andressa Pellanda
Denize Freitas
Liane Muniz

Arte

Coletivo Fabulografias – produção do Núcleo de Leitura ALB-Fabulografias (Campinas, SP)

Editoração

Nelson Silva

Revisão

Luciana Garcia Ruiz

EDITORIAL

Alik Wunder
Marcus Novaes

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. Na literatura que, liberto do agir prático e da necessidade, o sujeito viaja por outro mundo possível.

Bartolomeu Campos de Queirós

A Associação de Leitura do Brasil traz, neste número da Revista Linha Mestra, uma parceria com o *Movimento por Brasil Literário* (MBL). O MBL, lançado em 2009, por meio do Manifesto do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, é um espaço plural que articula pessoas, organizações sociais e movimentos engajados em ações concretas em defesa pelo direito de todos à literatura. Uma das ações do *Movimento* é a organização de Núcleos de Literatura por todo país, para a partilha de experiências de leituras, de criação de histórias, textos, imagens, para espalhar ideias, sentimentos, vontades, percepções... A ALB como dinamizadora de um dos Núcleos ligados ao MBL – o Núcleo de Leitura Fabulografias – ALB – convida, nesta edição, os diversos Núcleos a espalharem e contagiarem ações e *mundos possíveis* na forma de textos e imagens.

Para mais informações sobre o Manifesto, o MBL e Núcleos:

Site: <http://www.brasilliterario.org.br>.

Página do Facebook: <https://www.facebook.com/brasilliterario>.

APRESENTAÇÃO

MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO

Elizabeth D'Angelo Serra¹
5 de Julho de 2015

O Movimento por um Brasil Literário – MBL é fruto de um encontro de pessoas e organizações da sociedade civil brasileira, historicamente engajadas com a promoção da leitura de literatura, que estão comprometidas em contribuir para fazer do país uma sociedade leitora, partindo do princípio de que a leitura literária é um bem cultural imprescindível para a vida e ao qual todos têm direito de ter acesso. A leitura literária constitui-se a base para uma educação que se quer de qualidade para qualquer criança, jovem ou adulto independentemente de onde estejam.

Aurea de Alencar, gerente de Educação e Cultura do Instituto C&A à época da criação do MBL, é sua idealizadora. Deu os primeiros passos para a concretização da proposta, buscando parcerias com instituições que defendiam os mesmos objetivos. O primeiro contato foi com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o que agregou ao Movimento o Instituto Ecofuturo e o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, em seguida a Casa Azul, de Paraty, e o Centro de Cultura Luiz Freire, de Recife.

O primeiro desafio do grupo foi planejar a maneira de se constituir como um movimento para se apresentar para a sociedade. Todos concordaram que deveriam começar por um documento fundador do MBL que expressasse as ideias principais consideradas pertinentes para a defesa do direito à literatura. A forma surgiu primeiramente: deveria ser um manifesto.

O manifesto deveria contemplar uma análise concisa da realidade educacional e cultural do país do ponto de vista da aprendizagem do ler e do escrever com autonomia e criticidade. Além disso, deveria firmar a importância e a necessidade de viver a literatura também em sua dimensão política. Ainda havia o desafio maior: tinha que ser uma escrita literária.

Por unanimidade, com muita emoção e orgulho por ter no grupo o Bartô, a escolha do autor, evidentemente, recaiu sobre ele. Já com a saúde comprometida e em meio ao seu ofício de escritor, ele aceitou mais essa tarefa. Com sua habitual humildade, fumando o proibido cigarro, sorrindo com os olhos, generoso, ele brincava com as situações, dando leveza às nossas vidas quando a dele estava difícil e dolorida.

Ele nos ouvia atentamente, como se tivéssemos que lhe ensinar alguma coisa sobre o que e como escrever. Claro que sabíamos que tudo o que dizíamos era absolutamente desnecessário para Bartô dar forma ao manifesto, mas a desculpa serviu para que muitos encontros acontecessem, a maioria na sede da FNLIJ, no Rio de Janeiro. O muito que aprendemos com ele, nessa brincadeira de que nós é que dizíamos o que tinha que ser escrito, guardamos nas nossas mentes e nos corações, para sempre. Sem dúvida, foi um privilégio.

Um dia, recebemos o texto. E, com ele, a emoção da leitura de algo muito maior do que poderíamos ter imaginado! Nossa utopia estava ali representada na escrita dessa pessoa especial que ele foi. Um texto, ao mesmo tempo, contundente, verdadeiro e belo! Fruto da alma e do pensar do artista indignado com o que testemunhava e comprometido com a educação pública na sua mais justa e poderosa forma.

Até hoje, emociono-me ao reler o Manifesto. Não só pelo valor histórico, mas porque reaprendo, em cada frase, a humildade e a generosidade com que ele nos deu de presente: o seu sonho, a sua reflexão, o seu amor pela vida e pela liberdade. Um apaixonado e competente

¹ Presidente do Conselho Deliberativo do Movimento por um Brasil Literário – <<http://www.brasilliterario.org.br/>>.

APRESENTAÇÃO: MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO

respeito à palavra escrita, à liberdade, ao pensar e ao valor da fantasia que ele sempre apresentou como o motor do fazer. E, além de tudo, ele nos brindou com a esperança.

Muitos encontros tivemos quando Áurea de Alencar nos propôs que o lançamento do Manifesto ocorresse em Paraty, durante a FLIP. No lançamento, outros dois parceiros se juntaram ao grupo inicial, a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ) e o Canal Futura.

O Instituto C&A, que pode e deve se orgulhar por ter acreditado na liderança de Áurea, a qual soube semear e plantar uma pequena – mas poderosa – ideia, continua sendo o único patrocinador do MBL. Em nosso país, são raríssimos os empresários que investem em projetos que não produzem retorno imediato como é o investir na necessidade de divulgar a literatura como necessária.

Inúmeros outros parceiros foram se somando nesses sete anos desde que começamos. Esperamos por muitos outros.

Atualmente, o Movimento conta com adesão, que é feita pelo site, de aproximadamente 10 mil pessoas. Já são 14 instituições parceiras e 22 Núcleos de Literatura, sendo 13 em estados brasileiros e um núcleo em Bruxelas, na Bélgica. A internet tem sido o principal canal de propagação do movimento além da presença de representantes em Encontros, Seminários e Congressos. Nosso anseio é de que a trama do MBL, que se fortalece no dia a dia, por meio do trabalho de tantos quantos trabalham com o texto escrito de forma simples e sem alarde, como é o fruir da literatura, amplie-se cada vez mais em nossa sociedade.

Somos leitores de literatura vindos de diferentes lugares da sociedade. Educadores interessados no tema, escritores, artistas, professores, bibliotecários, representantes de comunidades, trabalhadores de áreas diversas, gestores de projetos sociais e outros profissionais da Educação e da Cultura que compõem um mosaico diversificado que vai tecendo e tornando mais forte essa trama.



Ler, levar a ler, defender o direito de ler literatura é o lema que é trabalhado na formação dos Núcleos de Literatura MBL. Todas as atividades que têm na literatura um foco de relevância são consideradas importantes para fazer do País uma sociedade que valoriza e usa a cultura escrita em todas as suas dimensões, em particular, a leitura literária.

Para isso, o MBL propõe a organização de Núcleos de Literatura onde pessoas compartilham leituras e experiências, criam e recriam histórias e textos, espalham ideias, sentimentos, vontades, reflexões, percepções e desenvolvem o pensamento crítico. Leem literatura e agem como lhes é possível para levar ao outro o texto literário. Enfim, o Núcleo vive quando põe a literatura na vida e dá vida à literatura. E, mais: defende o direito à literatura para todos.

É com entusiasmo que temos a oportunidade, pela Revista Linha Mestra, de apresentar um pouco mais da determinação e história de atuação dos Núcleos de Literatura MBL. Histórias

APRESENTAÇÃO: MOVIMENTO POR UM BRASIL LITERÁRIO

que precisam ser registradas, lidas e compartilhadas para que continuem nos impulsionando e a muitos outros, em nosso compromisso por um Brasil literário. Esperamos também que elas inspirem a criação de novos núcleos do MBL, e assim possam fazer crescer o Movimento.

Finalizo essa rápida apresentação, citando a última frase de Bartolomeu Campos de Queirós para o Manifesto do MBL: *Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um país mais digno.*

PROJETO LITERÁRIO PEDAGÓGICO – ESCRITORES DE MINAS

CORRESPONDÊNCIA – LENDO E CONHECENDO BARTOLOMEU

Rosa Maria Filgueiras Vieira¹
Maria da Conceição de Oliveira²

As palavras sabem muito mais longe.
(Queirós, 2004, p. 05, Correspondência)

A criação do Núcleo Indez nasceu da necessidade de incentivar a leitura literária nos espaços escolares e fora deles, a partir de uma ação interna ao Movimento Por Um Brasil Literário. Com o início desse exercício, em 2012, propôs-se a leitura da obra do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, falecido em Belo Horizonte, no dia 16 de janeiro de 2012, como homenagem póstuma, por ser ele uma das mais importantes referências literárias brasileiras. Tendo em vista um projeto literário e pedagógico, desenvolvido por algumas Escolas da Rede Municipal de Contagem em parceria com as redes Estadual, Municipal e Particular de Papagaios, esse Núcleo buscava uma ação de leitura envolvendo alunos do ensino fundamental de séries iniciais e finais, estabelecendo uma correspondência entre os estudantes, dentro da concepção do Movimento. Nesse sentido, a consideração aos trabalhados e a presença do autor, nessas duas cidades, ao longo de sua existência, potencializou o projeto.

Para relembrar, o Manifesto Por Um Brasil Literário foi escrito e idealizado por Bartolomeu Campos de Queirós e outras pessoas envolvidas com a leitura literária. Teve seu lançamento na FLIP (Feira Literária de Paraty em julho de 2009), enfatizando uma mobilização de leitura literária no país que incluisse pessoas e instâncias governamentais e não governamentais. Com esse movimento, objetivava-se uma democratização da leitura com o acesso ao livro de literatura como um direito de todos nas escolas e em espaços públicos.

Sabendo-se ser a escola um espaço para alfabetizar, formar leitores voltados para aprendizagem, profissionalização e o emprego, percebe-se que uma lacuna se forma no educando, em relação à formação das ciências humanas, no que tange à manifestação para as capacidades inventivas que lhe são concernentes. Por outro lado, existe um uso não tão pragmático da escrita e da leitura, constituindo a democratização do poder de criar, de imaginar, fantasiar, recriar e romper o limite do provável. Elementos pertinentes à construção literária.

Para realização deste trabalho tomamos como base os estudos de Kleiman (2007), Marcuschi (2005), Bezerra (2005), autores que têm contribuído para reflexões sobre a importância da formação de um leitor competente, da importância de um trabalho específico com a produção textual e o ensino de gêneros textuais. Segundo Marcuschi, podemos dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia a dia. De acordo com Bezerra (2005), o gênero textual carta pode abranger um grande leque de discussões acerca de sua aplicabilidade no cotidiano. Ainda, segundo a autora, os diferentes tipos de cartas são subgêneros do gênero maior carta e tem

¹ Mestre em Educação, ex-Secretária Municipal de Educação e Cultura de Papagaios – MG (2001 a 2012), coordenadora regional do PROLER, atualmente, membro do conselho fiscal do Movimento Por Um Brasil Literário, Pedagoga da Rede Estadual e Secretária Executiva da Associação Cultural e Museu Bartolomeu Campos de Queirós, nessa cidade. Coordenadora do Núcleo Indez Pelo Movimento Brasil Literário – Papagaios / Contagem – MG. E-mail: rosamaria.filgueiras@gmail.com.

² Professora de Português, Inglês e suas Literaturas, pós-graduada em Língua Portuguesa, ex-Diretora da Rede Estadual (1997 a 2004) de Belo Horizonte, atualmente, assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Contagem – MG. Coordenadora do Núcleo Indez Pelo Movimento Brasil Literário – Papagaios / Contagem – MG. E-mail: mariaconoliveira@yahoo.com.br.

funções comunicativas variadas. Toda leitura está inserida em um contexto social e que poderá determinar as diferentes maneiras de ler e escrever. A escolha do gênero textual carta deve-se ao fato de este estar presente na grande maioria das práticas sociais.

O que se busca como ação do Núcleo Indez, entre os alunos das cidades envolvidas no projeto, é despertar o interesse no aluno em utilizar a escrita da carta como forma de comunicação. O que escrever? Para que escrever? Para quem e? Acredita-se que o ensino por meio do gênero textual carta pode se transformar em uma busca pelo conhecimento dos diversos tipos de correspondências existentes, viabilizando principalmente o conhecimento da obra do autor e o exercício da cidadania. Com a aquisição desse conhecimento, o aluno terá a possibilidade de ser parte integrante de uma sociedade, em que a habilidade comunicacional é essencial para a formação cidadã.

Já para Kleiman (2007), toda leitura está inserida em um contexto social que poderá determinar as diferentes maneiras de escrever e de ler. No caso específico do gênero textual carta, verificamos que a prática de escrita de cartas tem um objetivo comunicativo, algumas vezes adquire um estilo formal, outros informais, como as correspondências pessoais. O que cabe aqui ressaltar é que a prática de uso das cartas deve atender às reais necessidades, de acordo com cada situação apresentada.

Professores de ambas as cidades instigam os alunos, apresentando-lhe os diferentes tipos de cartas que circulam em nossas práticas sociais. É uma forma de despertar o interesse pela escrita das cartas e como essa atividade pode ser prazerosa. Para que essa prática não se estabeleça apenas no imaginário, apresentam-se livros cujas narrativas estejam centradas na troca de cartas criando um mundo mágico e real ao mesmo tempo. Oferta-se, por exemplo, na literatura infanto-juvenil, o livro *Correspondência* de Bartolomeu Campos de Queirós, em que a história é contada pela troca de correspondência entre quatro amigos. *Ana e Pedro*, de Vivina de Assis Viana, que conta a história de dois jovens que se correspondem por meio de cartas e cartões-postais. Ou ainda, *De Paris, com Amor*, de Lino Albergaria, cuja leitura possibilita viajar pelas ruas de Paris. *Nunca Te Vi, Sempre Te Amei*, de Helene Hanff (1998) e *P.S. Eu te amo*, de Cecília Ahern (2004), que também abordam o envio e recebimento de cartas, com suas histórias recontadas no cinema.

As cidades de Papagaios e Contagem, na tentativa de fazer jus ao legado de democratização literária de Bartolomeu e outras pessoas, envolveram os alunos do ensino fundamental de séries iniciais e finais no resgate da escrita da carta pessoal, estabelecendo entre eles um intercâmbio e reflexões, a partir dos livros lidos do autor. O Projeto Correspondência resgata, em plena era tecnológica, a escrita da carta pessoal, usando os correios como veículo de seu transporte, numa via de mão dupla, e o exercício da oralidade. A oralidade se dá durante a confraternização dos estudantes das duas cidades nos encontros presenciais, momento em que se estabelece uma interlocução de reconhecimento entre ambos e a troca de reflexões e análises feitas, durante a escrita das cartas.



Confraternização dos estudantes de contagem no Espaço Cultural Bartolomeu Campos de Queirós em Papagaios-Mg.

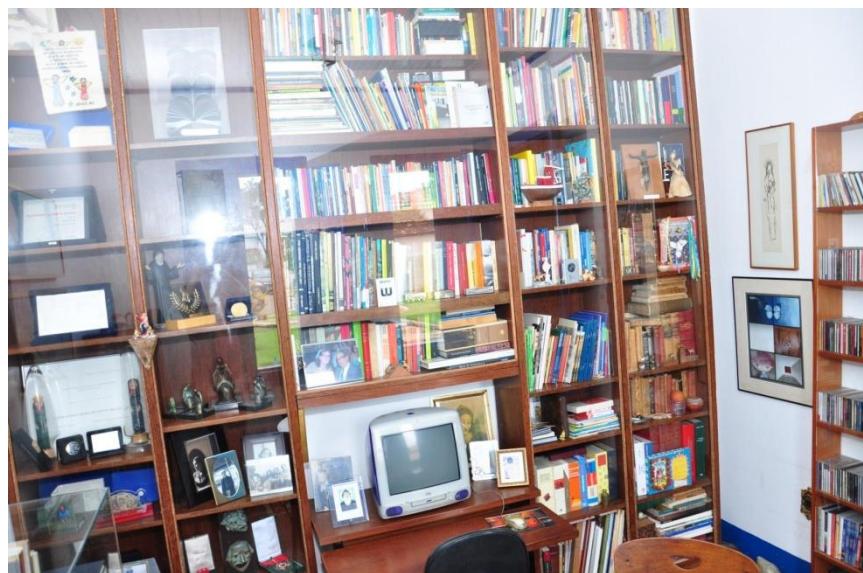
O projeto visa, inicialmente, a uma visita técnica com os estudantes em três instituições fundamentais em Belo Horizonte: o livro correspondência sugere uma visita aos Correios e ao Museu das Telecomunicações. Também ao Museu das Minas e do Metal, que fortalece o conhecimento do mineral explorado na cidade do autor, que é a pedra ardósia, a base de sustentação econômica do lugar. A compreensão da leitura dos livros é compartilhada não apenas com os pares da escola, como também com o colega correspondente da outra cidade.



Casa da Cultura Dona Petita e Museu Bartolomeu Campos de Queiroz Papagaios-MG
Encontro dos alunos de Papagaios e Contagem no ano de 2014.

São surpreendentes os relatos dos alunos sobre o autor escolhido como “Ele tem uma linguagem simples e direta”, “Tem uma linguagem poética”, “Eu tinha preguiça de ler agora quero ler todos os seus livros”, “Ele usa muito as metáforas”, “Ele trabalha com as memórias”, “Queria ter conhecido Bartolomeu quando ele viveu aqui em Papagaios”, “Queria um avô que escrevesse nas paredes”. De acordo com os professores, por ser um projeto interdisciplinar, há um fortalecimento da leitura em todas as áreas do conhecimento. É notório o despertar pelo aprofundamento na leitura dos livros de Bartolomeu.

As relações pessoais através do intercâmbio das correspondências entre as cidades de Papagaios e Contagem se enriquecem pelo fato de que as cartas oferecem trocas de informações, no momento em que a pesquisa sobre o lugar em que se vive torna-se concreta durante a visitação às cidades envolvidas, principalmente quando se deparam com a realidade do museu de Bartolomeu, em Papagaios, considerada pelo escritor berço da sua infância.



Réplica do escritório de Bartolomeu Campos de Queirós em Papagaios-MG

Nesse momento de troca de informação percebe-se que o fazer literário transcende os muros da escola, indo muito além do aspecto cultural na formação do leitor, pois a liberdade, a espontaneidade, a fantasia proporcionam um conhecimento maior do outro, com trocas de experiências, informações culturais, sociais, econômicas e de lazer de ambos os espaços pesquisados.

O projeto Correspondência nasceu na sua primeira edição intitulado “Escritores de Minas: uma Carta a Bartolomeu”, no ano de 2012, quando as duas cidades (Papagaios e Contagem), em homenagem póstuma, firmaram parceria com a participação de todas as escolas da cidade de Papagaios e três escolas de Contagem, o que envolveu cerca de 500 estudantes. Tamanha foi a abrangência desta parceria que, em sua segunda edição em 2013, com um novo subtítulo, “Projeto Literário e Pedagógico Escritores de Minas, Lendo e Conhecendo Bartolomeu – Correspondência”, ele ganhou um interlocutor internacional, Eugênio da Silva, na cidade de Washington, nos EUA. Eugênio conheceu o autor pelo livro *Index*, na tradução Americana, e manifestou a vontade de fazer parte do projeto, correspondendo-se com os alunos brasileiros. Em visita ao Brasil, no mês de junho de 2013, familiarizou-se com o projeto na escola em Contagem, confraternizando-se com as turmas. O trabalho de correspondência, na sua 3^a edição, em 2014, apresentou relatos surpreendentes por parte dos alunos participantes que mostraram vontade de continuar participando do projeto, visto que, em 2015, estariam cursando o Ensino Médio. A 4^a edição do projeto correspondência, em 2015, privilegia a participação e o bate-papo literário dos alunos novatos com os veteranos, no Espaço Cultural Bartolomeu Campos de Queirós, em Papagaios, em parceria com os estudantes veteranos e novatos de Contagem. A 4^a edição promete atividades inéditas, interdisciplinares e com a adesão de outras escolas inseridas em projetos diferenciados deste grande autor.

Dentre as várias possibilidades de atividades culturais proporcionadas pelo Projeto Literário e Pedagógico Lendo e Conhecendo Bartolomeu, estão a Correspondência por carta pessoal e várias manifestações que foram apresentadas, como a peça teatral *Por Parte de Pai*, exibida pelo grupo Atrás do Pano, bate papos Literários, com jornalistas e poetas convidados, saraus de poesias, palestras literárias, apresentação de balé clássico e muitas outras.

Para tecer as considerações finais desse Projeto, busca-se, neste autor, sua reflexão sobre a importância de estender a leitura literária em todas as instituições escolares e outros espaços de convivência. Por ser a literatura subjetiva e aberta, além de ser capaz de permitir às pessoas o diálogo das diferenças, que acolhe um pensamento ágil, inventivo, crítico, considera-se que a maleabilidade pode concorrer para a construção de novos desafios para nossa sociedade. Assim,

acredita-se que o Projeto Correspondência permite aos alunos abrirem esse diálogo, após leituras sobre assuntos culturais, sociais, econômicos e financeiros, que os incluirá como sujeito de direitos na sociedade em que se encontram, capazes de pensar também uma ação política, que contribua com a leitura literária para todos, tornando o país mais justo e mais digno: anseio do autor.

Referências

DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *CORRESPONDÊNCIA*. Belo Horizonte: RHJ, 2004. Disponível em: <<http://www.brasilliterario.org.br>>.

PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.). *Literatura e letramento – Espaços, Suportes e Interfaces – O Jogo do Livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 266 p.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MAR & LIVROS: UM CONVITE PERMANENTE À LEITURA

Maria Angélica Lopes da Costa Almeida¹

Sou professora de Português aposentada, com Mestrado em Linguística. Durante toda a minha vida, sempre priorizei a leitura, até que um dia percebi que estava com um acervo considerável (cerca de 400 livros). Quem gosta de ler sabe muito bem como é essa relação com os próprios livros. Então, preocupada com o destino que esses livros teriam, comecei a pesquisar sobre bibliotecas comunitárias e descobri que era possível começar até com 40 livros. Bem, isso me animou, e tal ideia começou a crescer. Só precisava de um local para abrigar os tão queridos livros. Meu marido cedeu a casinha onde ficava a bomba d'água e com um pouco de criatividade e boa vontade percebi que o projeto estava ganhando vida. Fiz uma divulgação pelo Facebook e, para minha alegria, recebi o apoio de muitos amigos e o mais importante é que todos estavam empolgados com a iniciativa.

Uma casinha, que guardava a bomba d'água, foi transformada em um espaço de leitura alternativo. O espaço funciona como um convite permanente à leitura e tem como objetivo envolver toda a comunidade e as escolas. O objetivo desse trabalho é muito simples: 1) estimular a leitura de livros literários, por meio de ações motivadoras, além de viabilizar o acesso à pesquisa de alunos, professores e de todas as pessoas interessadas; 2) proporcionar um espaço de lazer e cultura; 3) criar um núcleo de leitura para agregar ações isoladas; 4) habitar o imaginário de cada cidadão e, com isso, criar um senso de responsabilidade que levará todos a praticar a leitura como se fosse a extensão de sua própria vida.

A Mar & Livros é uma casinha colorida, à beira-mar, numa Vila de pescadores no Sul da Bahia, no distrito de Cumuruxatiba, cheia de histórias para contar. Mas não são só as histórias que estão nos livros, são histórias que marcam a relação com o leitor. Os livros não só contam histórias, mas também assumem as histórias de seus leitores, assim, podemos até conhecer as pessoas pelos livros que elas leem.



¹ Coordenadora do Núcleo de Literatura de Prado, BA. E-mail: marialcalmeida@yahoo.com.br.

As histórias da Mar & Livros

A biblioteca foi inaugurada com requintes de festa, com a presença de cerca de 70 pessoas da comunidade que, encantadas, participaram de uma tarde cultural, com grupos musicais, contadores de histórias, lançamento de livro e até coquetel.



Após a inauguração percebi o pacto que fizera com a comunidade e uma dúvida inevitável tomou conta de mim: como seria a receptividade das pessoas com a Mar & Livros? E eis que, para minha surpresa, na segunda-feira após a inauguração, ou seja, no primeiro dia de funcionamento da biblioteca, recebi de forma inusitada a visita de alunos e professores de uma aldeia indígena que fica perto. Por uma dessas obras do acaso, o ônibus que os transportava da escola para casa quebrou em frente à biblioteca, e os alunos desceram para pedir água e, como não poderia perder essa oportunidade, convidei-os a visitarem o espaço. Eles olharam tudo com muita curiosidade e alguns até levaram livros para casa. Foi assim que começamos.

E os livros continuam a chegar

A cada dia tenho recebido livros e livros e, com eles, a emoção das dedicatórias. Uma pessoa que doa um livro doa também uma parte de si. Talvez o doador nem perceba isso, mas quando estou catalogando livros e me deparo com tantas dedicatórias, a emoção é inevitável. Às vezes, demoro um bom tempo procurando por elas, pois sei que contam uma boa parte dos livros e, com certeza, uma boa parte do leitor.

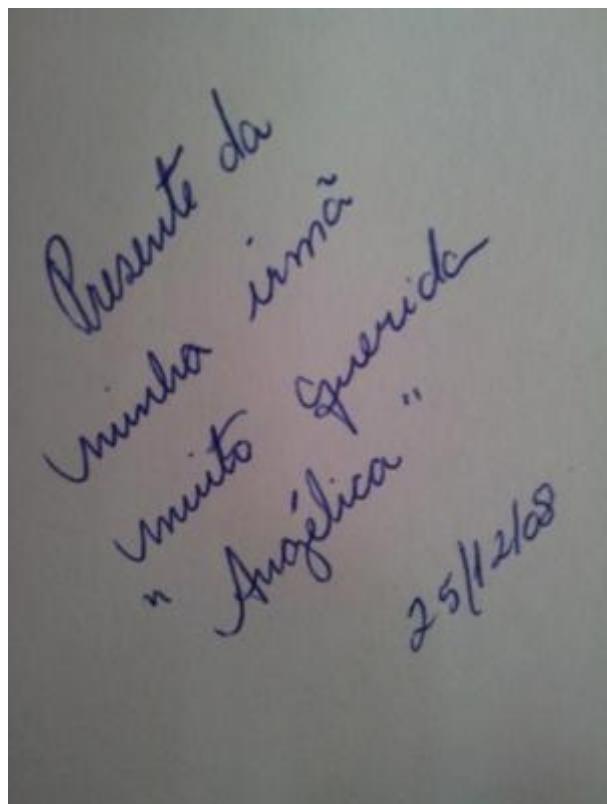
E os livros continuam a chegar e com eles a catalogação, a emoção contida nas dedicatórias e muitas histórias de vida se formando em minha mente, tomando corpo em minha própria história. Os livros chegam todos os dias, proporcionando encontros e reencontros, trazendo de volta as lembranças, os sorrisos, os sonhos e os planos, e a Mar & Livros como uma ponte para todas essas emoções.



Sobre livros e emoções

Em função da biblioteca, transformei-me em uma catalogadora de livros e talvez isso possa ser visto como um novo hobby. Quem ouve isso pode pensar que esse é um hobby muito sem graça e que não proporciona nenhum prazer. Mas não; estou aqui para provar que esse trabalho vale a pena e que traz muitas emoções. Tenho passado horas dos meus dias, dedicando-me a essa tarefa.

E o que pode proporcionar esse tipo de atividade? Primeiro, há o contato com livros que já foram lidos, mas que deixaram o desejo da releitura e, com isso, vem a promessa de que vou ler esse livro de novo. Segundo, há o prazer do encontro com livros que nunca li, mas que sempre sonhei em fazê-lo. Entretanto narrativa é apenas a introdução do relato da grande emoção que senti ao me deparar com o livro de Randy Pausch, “A lição final”, que eu presenteara minha irmã, no dia do seu aniversário, em 25 de dezembro de 2008. Ao folhear a última página, deparei-me com o seguinte comentário: “Presente da minha querida irmã, Angélica”. Confesso que meu cérebro me enganou nesse momento e, por um instante, fiquei sem entender muito bem, pois pensei: como pode minha mãe ter escrito esse comentário no livro da minha irmã? Acredito que os leitores também não estejam entendendo nada. Pois bem, a emoção aumentou, meu coração disparou, os olhos ficaram marejados, quando percebi que a letra da minha irmã é idêntica à da minha mãe e, só agora, depois de uma vida inteira percebi isso.



Sobre livros e emoções II

Foi uma grande surpresa, quando ao catalogar o livro “Entre dois Palácios”, de Nagib Mahfuz, escritor egípcio e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1989, percebi que o tradutor fora meu professor no mestrado de Linguística, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2007. Mas o curioso é o livro ter sido traduzido em 1956, quando eu tinha apenas um ano de idade. A partir daí, a imagem do meu velho professor transformou-se em um jovem tradutor em início de carreira.

Sobre livros e emoções III

Aos 14 anos de idade, um amigo sempre se referia a mim como “Angélica, a marquesa dos anjos”. Eu, na minha ingenuidade, nunca perguntara o porquê desse tratamento. Alguns anos depois, fiquei sabendo que “Angélica, a marquesa dos anjos”, era o nome de uma série de livros escritos por Anne e Serge Golon e publicados a partir de 1959, mas nunca lera nenhum deles. E eis que, para minha surpresa, recebi a coleção inteira. Mas a surpresa não acabou aí, não. Como faltava o livro de número 24, comecei a procurar nos sebos virtuais, mas não obtive sucesso. Até que um dia, ao voltar de uma viagem, encontrei sobre a mesa da biblioteca o exemplar de número 24, que fora doado por uma moradora da Vila. Achei isso uma incrível coincidência e ainda tive a oportunidade de evocar momentos importantes de minha adolescência.

Lindo de ver e de viver!

Foi impossível conter a emoção, quando constatei que os alunos da Escola Tiradentes de Cumuruxatiba, juntamente com seus professores, não estavam vindo para a Mar & Livros de

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MAR & LIVROS: UM CONVITE PERMANENTE À LEITURA

ônibus como o esperado. Eles, nada mais nada menos, percorreram três quilômetros, a pé, debaixo de um sol quente, só pelo prazer de ter um livro nas mãos.

Quando os vi, no início da estradinha do Rio do Peixe, fiquei muito emocionada, pois parecia a visão de uma peregrinação ou de uma multidão, numa mesma força, buscando o caminho da leitura. Essas crianças que chegaram tão ávidas para ler as histórias guardadas na Mar & Livros não fazem ideia da história que elas começaram a escrever nesse dia.

Foi lindo de ver a alegria, a dedicação e o carinho das professoras e das incentivadoras dramatizando a história “A Formiga e a Cigarra”. Após o momento encantador de ter um livro nas mãos e com os corações cheios de esperança e magia, elas começaram seu retorno de mais três quilômetros a pé.

Foi lindo de viver essa emoção!



Atualmente, a Mar & Livros está com sete meses de funcionamento, tem atendido a comunidade local e também turistas e conta com um acervo de 1.500 livros. Criamos o Núcleo de Literatura vinculado ao Movimento para um Brasil Literário e estamos traçando novos planos visando a uma maior participação por parte da comunidade. Cerca de quinhentas pessoas visitaram a biblioteca desde a inauguração.

OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO: LEITURAS DE IMAGENS E ESCRITAS

Alda Romaguera¹
Alik Wunder
Davina Marques
Alessandra Melo
Diego Alexandre de Souza
Cláudio Camargo
Angélica Brotto
Guilherme Montenegro
Maisa Calazans
Rodolfo Fordiani

Ler e dar a ler. Fotografar e dar a ver. Versar e doar versos. Criar e dar a pensar. Ler em alta voz, ouvir poemas por outras vozes. Encontrar pessoas, livros, fotografias, vídeos, instrumentos musicais... tocar, cheirar e provar palavras, imagens e sons. Entrar em uma atmosfera de degustação, contaminar-se pelo gesto criativo e perder-se em uma experiência de criação coletiva.



Pelo desejo de multiplicar espaços inventivos de leitura e experimentação foi criado o Núcleo de Leitura Fabulografias, na Associação de Leitura do Brasil (ALB), ligado ao Movimento por um Brasil Literário² (MBL). O Núcleo possibilita o contato de jovens de escolas públicas e de comunidades não escolares com as dimensões estéticas da literatura e das artes visuais – cinema e fotografia – e estimula a criação com palavras e imagens, em especial, com a poesia e com a fotografia. Esse Núcleo propõe-se também a aproximar os jovens da literatura de países africanos de língua portuguesa, em seu íntimo diálogo com a literatura brasileira, a partir do contato com obras literárias e produções de cinema, articulando-se a grupos de pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, com ações governamentais, de escolas, de associações civis e coletivos de artistas, na organização de encontros para experimentações com imagens e textos.

¹ Coletivo Fabulografias. E-mail: secretaria@alb.com.br.

² Disponível em: <<http://www2rasilliterariogr.pt/home>>.

Há três anos o Núcleo, em parceria com o Projeto Fabulografias (projeto de pesquisa e extensão da Faculdade de Educação – Unicamp) debruça-se sobre o tema das africanidades, a partir da leitura de obras de poetas afro-brasileiros e africanos, de exercícios de fotografia, de criação de textos poéticos, de oficinas de criação de cartões postais, de exposições e saraus culturais. As imagens e escritas destas experimentações são compartilhadas em blog do próprio projeto³.



O experimentar que buscamos dá-se no encontro com a palavra poética, com as fotografias e também com pessoas, espaços, gestos, sons, tensões, experiência de vida... Um experimentar que prevê uma atmosfera apta ao encontro, um preparo de espaços-tempos sensíveis a um silêncio que ecoa sem lugar no mundo das palavras e nas imagens conhecidas. O experimentar como desejo de sensibilidades, como arte de produzir encontros e perder-se...

O grupo de universitários, pesquisadores e artistas convidados do projeto de extensão envolveu-se (e perdeu-se) em processos de criação conjunta, tendo como tema os *ventos-áfricas* que nos percorrem. A pergunta sobre que áfricas nos ventam foi um disparador para gerar encontros entre alunos de escolas públicas, artistas, grupos de música, danças e capoeira, movimentos culturais e sociais, pesquisadores... Apostamos no desejo e na potência do encontro ao desenvolvermos oficinas de fotografia e poesia, exposições, projeções, saraus e instalações. Esses movimentos lançaram o grupo a criar fotografias, vídeos, sons e composições entre palavras, imagens, notícias, artigos em diversos ambientes: centro de cidadania em bairro periférico da cidade, casas de cultura, escolas, seminários e congressos, moradia estudantil, praças públicas... Em cada espaço, de diversas formas, um convite a uma experimentação, à criação e à abertura de um espaço-tempo para composições coletivas.

As práticas de leitura envolvem o encontro com cartões-postais fotográficos, vídeo-postais e escritas poéticas produzidos durante as diversas oficinas realizadas pelo Núcleo em diferentes espaços, bem como com imagens – fotografias e ilustrações – e textos – poesia, contos – de livros ligados ao tema das africanidades. O encontro e contaminação com as criações de outros tempos e espaços dispara a produção de imagens fotográficas, de escritas e a récitas em *spoken word*, um modo de dar a ler em voz alta que se apropria da aleatoriedade e enfatiza as sensações dos participantes, proporcionando encontros sonoros para além da significação dos textos lidos. Tanto na leitura como na produção de imagens e textos, apostamos na fugacidade, na contingência e no acontecimento singular; apostamos no caos, na imprevisibilidade e na surpresa dos encontros entre pessoas, entre versos, entre imagens.

Neste texto, desejamos dar visibilidade a fotografias e escritos produzidos pelos estudantes universitários, bolsistas atuantes nas oficinas, para o blog do Núcleo de Leituras. Narrativas imagéticas e verbais que expressam os sentidos das diversas experiências de leitura e criação em praças, museus, escolas, universidades...

³ Disponível em: <<http://fabulografias-alblogspotomr/>>.

O encontro envolveu artistas, pesquisadores, universitários e público, reunidos para uma criação audiovisual coletiva. O espaço do Museu da Imagem e Som foi tomado por cachoeiras de pano, simulações digitais de mar/água, exposição de sons e sentidos. Criamos um rio que desembocava na rua, cheio de poemas, minicontos, livros e imagens produzidas e/ou selecionadas pelo Coletivo. Esse rio nascia de uma cabaça, utensílio muito utilizado no armazenamento e transporte da água e símbolo da criação do mundo e das águas na cultura ioruba. Começamos a declamação dos poemas. E ali havia uma composição de sentidos: músicas, toques, leituras, e observações através dos rios, das imagens, das folhas, explorando imaginações que transbordam o tema. A participação do Núcleo na exposição foi inundada de sensações e reconstruções. O espaço incorporou o devir do momento, expresso através do rio que comungou poesia, imagens, cheiros e música: a voz virou o instrumento, o instrumento poesia, a poesia imagem, a imagem cheiro.⁴



Uma creche numa escola municipal, em Sorocaba, inaugurou minha participação no Núcleo Fabulografias – ALB. Diferentemente das minhas outras participações em projetos, neste percebo-me aconchegado num espaço em que os olhos de quem trabalha/convive com você estão no horizonte e não acima das cabeças. O que seria uma apresentação de trabalho novo logo se transformou, para mim num espetáculo de criação, experimentação e/em imagem no qual todos os presentes participavam da construção. O público reunia funcionários dessa escola e alunos de pós-graduação. Uma pluralidade de pessoas sem demarcações hierárquicas foi acolhida com um café da manhã pelo diretor desta creche. Dividimos a turma em três grupos que se revezaram para que todos experimentassem as atividades das oficinas. Em uma das atividades, as pessoas trabalharam com a imagem enquanto sombra, cor e forma – fotografando e observando esses elementos com seus olhos e dispositivos eletrônicos. Foram, assim, criando novas sensações, a partir desses aspectos que se encontram tão distantes da nossa mente (mesmo estando presentes o tempo todo). Outra atividade reuniu ao redor de uma mesa uma exposição de imagens em vários tamanhos construídas em outras oficinas do Núcleo Fabulografias, alguns instrumentos afro brasileiros, muitos poemas, minicontos e alguns livros. Perto dessa mesa organizamos uma exposição com os itens trazidos pelos convidados que variavam de livros a pó de café. Nesse espaço, houve tempo para observação e recepção – as pessoas tocavam, liam, analisavam.

⁴ Oficina-sarau Museu da Imagem e Som, Campinas, 2014 - Evento Afetos Nascentes, organizado pela Subrede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas da Rede CLIMA ligada ao Laboratório de Estudos Avançados em Divulgação Científica – Labjor – Unicamp.

Algumas se encantavam com o colorido de uns instrumentos, outras se deslumbravam com as imagens e os escritos. Para outras, parecia algo fútil – muito estranho ou de compreensão distante de si. Abrimos um momento para criação escrita, produzindo poemas e pequenos textos. Alguns resgataram músicas criadas em outro momento de sua vida! Muitos versos sensíveis... E houve também quem perguntasse se aquilo ali não era coisa do diabo! Para finalizar, reunimo-nos ao redor da mesa e expusemos nossas expressões mais verbais/corporais: lemos, falamos, cantamos, tocamos e escutamos. No decorrer da oficina, formou-se um grupo de gente gingando capoeira (foi por pouco tempo, mas foi incrível essa expressão que ventava ali, que muito retrata a resistência de um povo que sempre teve sua cultura em processo de apagamento). Ainda havia dois espaços conectados para que as pessoas circulassem. Num deles ocorria a criação com imagens, em que se exercitavam algumas formas de inventá-las com papel, tesoura, imagens, lã de aço e outras ferramentas. Lá foram produzidas muitas e ricas imagens/composições. Uma ciranda dançou as intensidades deste encontro que foi encerrado por um almoço carinhosamente preparado pelas cozinheiras da escola.⁵

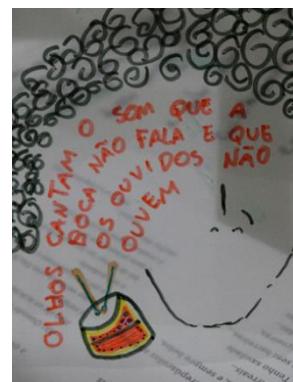
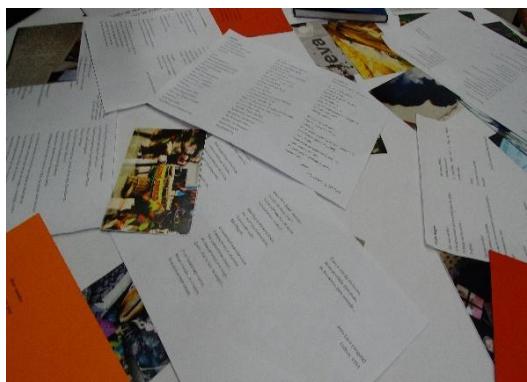


Ao todo foram sete participantes nesta oficina, e o envolvimento foi intenso. Montamos uma instalação na sala de atividades corporais na Faculdade de Educação da Unicamp, incluindo livros, imagens, produções de oficinas anteriores, poesias, tecidos, objetos que remetessesem ao universo afro brasileiro: galhos, folhas secas e música. Os participantes entraram para a oficina em meio a esta atmosfera performática, curiosos, e um tanto reticentes. Conversamos em roda sobre o núcleo e suas ações e os convidamos a explorar os elementos que, ali expostos, compunham o cenário. Foi um momento de mergulho, cada um vivenciando internamente o que aqueles estímulos movimentavam e ecoavam. Aos poucos, estes movimentos e ecos começaram a sair do âmbito individual e a serem compartilhados por meio da leitura em voz alta de fragmentos de histórias e poesias que ali se encontravam. Deste momento para a criação de imagens e textos foi um passo fluido. Mais uma vez o movimento partiu do individual para o coletivo, pois, inicialmente, cada um elaborou uma frase poética, um desenho, e essas criações, posteriormente, foram interagindo entre si naturalmente, havendo inclusive algumas consonâncias nas produções, fruto de uma sintonia sutil que se instaurou nesta tarde agradável e produtiva.⁶

⁵ Oficina na Escola E. "Prof^a. Maria Domingas Tótora de Góes" – Sorocaba – SP – 2014.

⁶ Oficina realizada na Semana da educação, Faculdade de Educação, Unicamp, 2014.

OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÃO: LEITURAS DE IMAGENS E ESCRITAS



*Fomos a VIII edição do Sarau no Bosque do DIC I, evento com agenda mensal. O banquete de imagens e palavras foi servido ao público que se deliciou participando com leituras e improvisações de poemas. As crianças presentes tiveram a oportunidade de desenhar e intervir nas imagens em um espaço constituído somente para elas. Dessa vez, além da tradicional mesa, foram testados outros suportes imagéticos como expositores, tais como árvores, folhagens e outros elementos da paisagem local. O público interagiu muitíssimo enquanto tambores ecoaram propiciando um clima adequado para a leitura e uma atmosfera ainda mais criativa e convidativa. Os resultados dessa intervenção foram a captação de diversas imagens e a consciência de novos suportes para a realização de exposições.*⁷



“Pra que isso, moça?” pergunta, aparentemente inocente, que nos coloca diante do exercício da explicação. Ainda mais quando feita por uma criança. Perguntas formuladas com olhar imaginativo, esperando a cada piscadela estar diante do fantástico são as mais difíceis

⁷ Sarau-oficina na Casa de Cultura Andorinhas, Tear das Artes e Secretaria de Cultura de Campinas e Grupo Voz Ativa, 2013.

*de serem respondidas. Brincar com imagens, cores, sons e palavras. Construções e desconstruções que perpassam uma África fabulada. Oficinas de criação coletiva de cartões-postais imagéticos em parceria com grupos artísticos dos mais variados transformam escolas, centros de cultura e os caminhos que atravessam. Palavras jogadas ao vento estilhaçam possíveis destinatários. As intervenções feitas pelo Fabulografias têm como matéria-prima de trabalho a desconstrução de um imaginário de uma África estanque vinculada a um passado nacional escravista numa tentativa de reelaborar esse imaginário mediante oficinas através das quais são criados cartões-postais imagéticos e sonoros. Um rio leitoso de panos brancos transbordou o gramado ao lado do prédio do CIC naquele dia e dele borbulhavam imagens, poesias e cores em movimento. Uma caixa recheada de postais, convidava os que passavam distraídos a parar um momento, observar a exposição e escolher dois postais. Um seria levado para casa, o outro seria entregue ao vento, mandado para um destinatário desconhecido. Na mesa central, dançavam palavras e imagens, onde estavam depositadas as intervenções dos transeuntes de outrora e dos que estavam por ali, naquele mesmo espaço. Num turbilhão de memórias, crianças desenhavam e escreviam. Chegavam aos montes. Curiosas, mexiam os postais, intervinham neles com cores e formas. O grupo embalava o ambiente, misturando sua música e movimento as fábulas gráficas espalhadas pelo jardim. Intervimos neles e eles em nós. Estar naquele local foi um acontecimento que marcou o início de novas parcerias, novas propostas, novos caminhos e nos presenteou com uma pergunta que deixará sempre aberta a novas possibilidades os percursos por onde trilharemos: afinal, pra que tudo isso?*⁸



⁸ Oficina – exposição no Sarau do Instituto Voz Ativa, CIC (Centro de Integração da Cidadania) do bairro Vida Nova, em Campinas, 2013.

UNI DUNI LER¹: CLUBE DE LEITURA PARA BEBÊS

Alessandra Roscoe²

Brincar de ler é uma delícia, um grande prazer. A criança estimulada a descobrir essa fonte de diversão na literatura terá, para sempre, uma relação afetuosa com os livros e a leitura.

Há quem defenda que os estímulos devam começar no berço. Vou um pouco além. Acredito que esse vínculo afetivo com as leituras e os livros pode surgir bem antes do berço, quando os bebês estão ainda na barriga. Não a aquisição do código, o “letramento” em si, a alfabetização. Tudo isso faz parte de um processo e deve ter seu tempo respeitado.

A leitura em voz alta durante a gestação, mais que uma atitude focada na possível formação de futuros leitores, é um gesto de carinho, de doação e que, certamente, traz muitos benefícios. Na gestação, as mães, por carregarem seus filhos no útero, têm mais oportunidades de interagir, de se fazerem presentes na percepção do bebê. É a voz da mãe a primeira “leitura” que os bebês geralmente fazem do mundo, claro que por causa da íntima coabitacão. Mas os pais, irmãos mais velhos, avós e todos que queiram tornar seu contato mais próximo com o habitante do universo intrauterino podem fazê-lo com as leituras em voz alta. Por isso uso o termo “aletramento” fraternal, numa analogia com o aleitamento materno, mas um pouco mais amplo.

Afinal, enquanto na amamentação, apenas a mãe pode desfrutar a troca intensa que é poder se doar para alimentar o filho, no “aletramento”, todos os que quiserem podem alimentar a fantasia e o imaginário do bebê, esteja ele na barriga ou já desembarcado na vida. E podem começar a fazê-lo, apropriando-se da força que tem a leitura literária, a poesia, a música, a oralidade. Nos primeiros meses de vida o “aletramento”, que já se estabelece na gestação, fortalecem-se os laços e oferecem-se aos pequenos infinitas possibilidades de descobertas. Entramos, então, na fase de experimentar a palavra, seja ela sussurrada, falada, lida, cantada ou mesmo calada. O livro é sempre como objeto gerador de todas as descobertas, nesta fase do projeto, que denomino “experimente a palavra”; por meio dele, os bebês de zero a três anos de idade aguçam a imaginação, o reconhecimento de símbolos e as próprias relações com o mundo, dispondo de todos os seus sentidos, por isso, o tato, a visão, o olfato, a gustação e a audição são fundamentais. Eles passam de “leitores” passivos, estimulados basicamente pela audição, a “leitores” ativos. A leitura sensorial faz toda a diferença.

Já dos três aos seis anos de idade, os livros, para as crianças familiarizadas com a literatura e habituadas aos rituais de partilhar histórias, tornam-se fonte inesgotável de alegria, fazem parte das brincadeiras e figuram entre os objetos queridos.

Ao partir, primeiramente, de minha paixão pelos livros, de minha experiência como leitora, escritora e mãe de três filhos leitores desde o ventre e, agora, independentes e até parceiros na literatura, decidi compartilhar algumas de minhas leituras e as vivências tão intensas no clube de leitura Uni duni Ler, formado com bebês de cinco meses a 3 anos, crianças de 4 a 6 anos e suas famílias. O clube foi formado em 2009 e realizou encontros semanais em uma creche de Brasília até o fim de 2014. Atualmente, como as crianças mudaram de escola, realizará encontros mensais para troca de livros e experiências leitoras.

¹ Uni duni Ler é um clube de leitura criado em 2009, na creche frequentada pela minha filha caçula, com pais das turmas de berçário e maternal, ou seja, com crianças de cinco meses até três anos de idade. Surgiu a partir da lista de melhores livros infantis publicada por uma revista especializada em infância. Eram 30 livros indicados como os melhores publicados no ano. Eu tinha, em meu acervo pessoal, 27 dos 30 livros indicados. Cadastrei alguns pais, e as trocas começaram a acontecer entre nós. A ideia era incentivar a leitura como prazer, o “brincar de ler” e fortalecer o vínculo afetivo entre pais, irmãos, cuidadores e os bebês. O Clube se formalizou em 2011, com o cadastro de 20 famílias. Hoje tem um público muito maior e realiza Sarau mensais. Mais informações: <http://unidunilertodasasletras.wordpress.com>.

² Jornalista e escritora. Coordenadora do Núcleo de Leitura Uni duni Ler. E-mail: unidunilertodasasletras@hotmail.com.

Em 2012, a partir das experiências e leituras partilhadas no clube, fui convidada pela Câmara Riograndense do Livro para registrar o trabalho e escrever um guia que foi distribuído em creches e bibliotecas públicas no Rio Grande do Sul. Selecionei trinta títulos para cada faixa etária de 0 a 6 anos de idade. Todos livros que já tinham passado no “*test-reader*” das minhas oficinas com bebês e muitos deles, pelo compromisso com a infância, a diversão, o prazer da leitura literária, foram aprovados também pelo crivo exigente dos bebês do Uni duni Ler. Fotografei e fiz registros de vários encontros do clube e registrei tudo no guia Uni duni Ler de leitura para bebês.

Em 2013, o Uni duni Ler, cresceu, agregou grupos de idosos, num trabalho de leitura de livros infantis e resgate de memória, e se transformou no Uni duni Ler Todas as Letras, um Festival de Leitura Itinerante, realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura – FAC, por meio de edital da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, que leva livros, leituras, autores, ilustradores e mediadores de leitura para creches e asilos públicos de mais de 20 cidades do DF. Nos anos de 2015/2016, será realizada a segunda edição do Festival (<http://unidunilertodassletras.wordpress.com>).

Aos que sempre me perguntam como funciona um clube de livros com bebês, como são feitas as escolhas dos livros se eles não são letrados, eu respondo apenas com um convite: conheçam o Uni duni Ler.

Letras e Mamadeiras

Nunca é cedo demais para dividir leituras. É surpreendente notar a atenção que um bebê dedica a uma leitura em voz alta. A leitura, quando faz parte da rotina, sempre fundamental para a segurança dos recém-nascidos e mesmo das crianças, assume papel importante na construção do imaginário e da afetividade dos pequenos e faz toda a diferença.

Nós falamos com os bebês muito antes que eles saibam as palavras e isso os ajuda a dar significado a elas. O mesmo deve acontecer com os livros e a literatura. Deve-se ler para brincar, divertir, fazer rir, emocionar e provocar espanto, admiração, curiosidade. O que se aprende com a leitura literária é muito mais que o domínio da linguagem. É o mergulho na fantasia, o prazer de se encontrar nas histórias, de conseguir acessar sensações, lembranças, memórias e a poesia, que nem sempre o real nos permite vivenciar.

A leitura vai muito além dos limites da página escrita, é também o espaço de sonhar, de imaginar e de ressignificar o mundo. Ao colocar uma criança no colo, abrir um livro e dividir com ela o encantamento de uma história, é carinho que se partilha também e, nessa intensa troca afetiva, aprendemos ainda a ler os nossos bebês, percebendo o tempo deles, as reações, os olhares.

Ler é fazer sonhar, é o espaço de experimentar, de brincar com o imaginário e de transformar a própria realidade. Assim como estabelecemos rotina de sono, banho e alimentação para os bebês, não podemos esquecer das histórias, das leituras, dos livros, que também devem fazer parte do cotidiano. Toda hora pode ser hora de ler em voz alta, mas, especialmente antes do sono, um livro pode ajudar e muito a enfrentar o medo da separação, do escuro, de ficar sozinho, de estar desamparado; medos típicos dos bebês e das crianças pequenas. Se as leituras estiverem presentes sempre nestes momentos, haverá a associação da pouca luz, da desaceleração das atividades, da hora de dormir, àquele instante de prazer quando a mãe, o pai, o irmão, a avó, o avô ou o cuidador mudam o tom da conversa cotidiana para ler um livro. É a história de ninar agindo para criar o futuro hábito de se encantar com a leitura, de descobrir o verdadeiro prazer de ler, de brincar de ler.

APROPRIAÇÃO DA ESCRITA POR MEIO DE UM OLHAR LITERÁRIO: COMO DESPERTAR UM LEITOR NA ERA VIRTUAL?

Adileusa N. Moura¹

Introdução

Constantemente, ouvia-se pelos corredores da escola que os alunos não gostavam de ler, não sabiam escrever, nem falavam corretamente, e que, a cada dia, aumentava seu desinteresse pelos estudos e pela escola. Havia, também, alguns que adoravam estudar, entretanto, sentiam-se desmotivados e não acreditavam que poderiam ler, interpretar e discutir Eça de Queirós, Miguel de Cervantes e Shakespeare, por serem alunos de escola pública.

Eram alunos que viviam sem perspectivas, demonstravam um comportamento agitado e indisciplinado, por desvalorizarem a leitura, acreditarem que não valia a pena ler e que “leitura não leva a nada”. Sem se mencionarem os celulares, dos quais os estudantes não se desprendiam, fato que gerava conflitos com a coordenação e em sala de aula, mesmo que seu uso fosse proibido na escola. Em casa, as mães estavam a ponto de perder o controle da situação, por não saberem lidar com essa fase tão rebelde, enquanto a escola prende-se a questões burocráticas e descontextualizadas que enfatizam o uso do livro didático.

O que fazer com ou do texto literário em sala de aula é uma questão que se fundamenta, ou deveria fundamentar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado nas discussões pedagógicas. (LAJOLO, p. 16). Todas essas questões que inquietavam os professores, pais e comunidade escolar foram a base do projeto de leitura aqui exposto. A proposta buscava uma forma de vencer barreiras e dificuldades apresentadas na escrita e interpretação de pequenos textos, colocando-se como uma iniciativa multidisciplinar que dialogava com a realidade dos alunos. Desta forma, surgiu o projeto de leitura e escrita cujo foco é a realidade e o contexto histórico de todos os alunos, pois, segundo Lajolo (idem) “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.”

Assim, os professores da área de código e linguagem chegaram à conclusão de que deveriam fazer algo urgente e novo na escola que modificasse o comportamento dos alunos: uma decisão inovadora que, de forma dinâmica, envolvesse os alunos, melhorando o desempenho escolar e transformando seu comportamento. Seria necessária também uma prática com metodologia que despertasse o gosto pela leitura e escrita. Tais mudanças, certamente, contribuiriam para a melhora do processo de ensino e aprendizagem da leitura, se selecionadas de acordo com o interesse de cada aluno e se enfatizassem a importância do texto de modo histórico e cultura, pois cada texto, mesmo em séculos diferentes, tem a importância necessária para o leitor e para a sociedade a que ele pertence.

A importância de conhecer o público alvo

O que está em jogo no discurso da literatura sobre a literatura não é somente a historicização das categorias que consideramos espontaneamente como universais, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que

¹ Professora graduada em Letra/Língua Portuguesa e Literatura, formada pela Faculdade de Humanidade Pedro II - Pós-graduada em Literatura e Cultura. Atualmente, pertence ao quadro efetivo da EEEFM Bernardo Horta – Irupi - ES. Coordenadora do projeto Leitura na Escola. *E-mail:* adileusaneves@yahoo.com.br.

se refere à relação do leitor com o texto e, finalmente, à própria identidade deste leitor. (CHARTIER, p. 207)²

Assim, para dar início ao trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa no sentido de saber quem são os alunos regularmente matriculados e quais as inquietações que os acompanham em relação ao ato de ler, considerando também as dificuldades e barreiras encontradas tanto na escola quanto dentro e fora do ambiente escolar. Foi uma maneira de se perceber, de forma real o motivo dos alunos não gostarem de ler e qual o motivo do distanciamento literário. Portanto, foi realizada uma análise para conhecimento do público alvo e da escola e verificou-se todo o contexto da instituição de ensino EEEFM “Bernardo Horta”, situada no centro de Irupi-ES, na região do Caparaó. Uma escola de grande porte que, no momento, encontra-se em reforma. A instituição atende um total de aproximadamente mil alunos, distribuídos nos turnos matutino, com 15 turmas; vespertino, com 10 turmas e noturno, com 14 turmas. Destes, 375 alunos estão matriculados no Ensino Médio; 454, no Ensino fundamental e 79 matriculados na EJA (1º segmento), contemplando, na Educação especial 11 alunos, dentre os quais há surdos, alunos com deficiência intelectual e alunos com baixa visão. A escola conta atualmente com o quadro docente de 70 professores e 22 funcionários, incluindo os auxiliares de secretaria escolar, agentes de suporte educacional e serventes.

A escola atende uma clientela de nível socioeconômico médio, contendo alunos da zona rural e urbana, e conta com a participação da comunidade local bem como da família nas atividades desenvolvidas. Porém os alunos que moram na zona rural estudam no período matutino e não dispõem de horário de estudo fora da escola, pois ajudam os pais na atividade rural; já os alunos da zona urbana ficam sob a responsabilidade de ajudantes ou avós, que não exercem muita autoridade sobre eles. Percebe-se que a escola teria que articular uma maneira de desenvolver as atividades em sala de aula ou em horário escolar. Logo, deveria existir um diálogo entre todas as disciplinas, o que obrigaria a reforma do currículo para que o aluno não saísse prejudicado em nenhuma disciplina.

O projeto teve os seguintes objetivos: promover o gosto pela leitura; desenvolver a criatividade, a reflexão e a escrita dos alunos; despertar a autoestima por meio de conhecimentos que possam valorizar o homem, que deve ter argumentos para discutir temas relacionados à vida social, política educacional e econômica; criar oportunidades para desenvolver a escrita por meio de debate com temas retirados dos livros; oportunizar a leitura de diferentes gêneros e a aprendizagem de escrita de crônicas, contos e poemas; desenvolver o raciocínio lógico. Enfim, buscou-se tentar modificar o comportamento dos alunos dentro e fora do espaço escolar via leitura.

O projeto foi realizado no período de 10 de março a 16 de agosto, no ano de 2014, e envolveu os alunos do Ensino Fundamental e Médio. Os professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia, Sociologia e Filosofia, dos turnos matutino e vespertino se reuniram para articular e montar as atividades. No primeiro momento, houve o levantamento dos materiais e obras literárias necessários às atividades diferenciadas que seriam realizadas no decorrer do projeto. Os materiais variariam de acordo com as atividades propostas no decorrer dos trabalhos, sendo necessários: TNT, cartolina, tintas, EVA, rolos, fio de náilon, pistola de cola quente, bastão de cola quente, grampeador de madeira; os livros utilizados para leitura durante todo o projeto foram: *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes); *A Revolução dos Bichos* (George Orwell); *O Cortiço, Casa de Pensão, O Mulato* (Aluísio de Azevedo); *Bisa Bia, Bisa Bel, Abrindo Caminho, Esta força estranha* (Ana Maria Machado); *O Garimpeiro e O Seminarista* (Bernardo Guimarães), *Recordar é Viver* (Cecília Fernandes); *O Gato Verde* (Ilvan Filho); *Viuvinha, Cinco Minutos, O Guarani e Senhora* (José de Alencar), *Viagem ao Centro*

² Conferência proferida por Roger Chartier, em 5 de novembro de 1999, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que abriu o debate com João Adolfo Hansen.

da Terra e 20 mil Léguas Submarinas (Júlio Verne), entre outros. As atividades foram planejadas de acordo com um cronograma, sendo realizadas nas seguintes etapas: 1^a – leitura de dois livros específicos; 2^o – assistir aos filmes estabelecidos; 3^o – leitura de textos de revistas; 4^o – escolher um autor e ler três livros deste.

Tanto na Antiguidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituem tal instituição. Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a ideia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontrar em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. (CHARTIER, p. 198)

Para que a relação entre a obra ao leitor fosse adequada, foi necessário distribuí-las por séries e de acordo com o nível de escolaridade, respeitando a modalidade de ensino e dialogando sempre com outra disciplina.

1^a etapa – Distribuição dos livros: *A Revolução dos bichos*, de George Orwell (8^a série), *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1º Ensino Médio) e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (2º Ensino Médio). Todos os alunos teriam que ler e quem não tivessem acesso à literatura impressa, poderia receber o texto através de mensagem de texto via celular, uma vez que a escola não teria exemplares da obra para atender a todos os alunos. Essa etapa do trabalho teve como objetivo incentivar os alunos à leitura, apresentando-a, de forma dinâmica e com a utilização de tecnologia. Buscaram-se, assim, práticas diferenciadas, utilizando o celular como um aliado do processo ensino-aprendizagem, visto que os alunos eram de diferentes classes sociais e que o celular estava presente em todos os lares.

Durante o trimestre, cada professor envolvido discutia um capítulo com os alunos, fazendo um paralelo entre disciplina/realidade/obra literária. Como exemplo: em Língua Portuguesa, a questão de interpretação textual de um determinado capítulo; em Artes, a ilustração de um determinado personagem e a representação dele na sociedade; em História; a relação de poder no momento da União Soviética nas mãos de Stalin e, em Geografia, a localização da Rússia.

Com a obra de Cervantes, *Dom Quixote*, por exemplo, foi desenvolvido um debate com os alunos cujo tema foi “Ironia ou Crítica Literária?” – e, após o trabalho, houve um café literário promovido por eles mesmos, no qual foram apresentados os desenhos, ilustrados nas aulas de Arte, e a interpretação que tiveram sobre a obra, trabalhados desenvolvidos interdisciplinarmente.

2^a etapa – Nesta etapa, os alunos assistiram ao filme *O nome da Rosa*, de Umberto Eco. Essa tarefa tinha como objetivo envolver os alunos e informá-los a respeito da visão histórica do livro e da leitura: o poder que a Igreja exercia sobre a sociedade no século XIV, a proibição da leitura, o livro materializado e a evolução que teve desde o pergaminho até hoje com os e-books, a força da elite medieval e os servos (revisão nas aulas de História); a inquisição e a atitude dos servos em não questionar as decisões tomadas pelo grupo dominante. Em seguida, foi realizado um debate sobre o filme, mostrando a importância e a evolução do livro.

Os alunos se envolveram de forma crítica, interpretaram as questões sociais que envolvem as atitudes das pessoas na sociedade, fazendo com que todos aceitem certos padrões de comportamento sem os questionar e, assim, perceberam que se trata de um fator histórico cultural. Após esse momento, fez-se uma análise e uma discussão em relação à leitura e ao filme e eles perceberam que não há, na sociedade, um efetivo trabalho para incentivar a leitura. Foi percebido, quando os alunos assistiram ao filme *O nome da Rosa* e leram a obra literária de Cervantes, por meio de um olhar sobre o processo histórico cultural das sociedades que a ideia de que “ler faz mal” resultou no atraso literário da sociedade.

3^a etapa – Nessa etapa, com o objetivo de levar os alunos a familiarizarem-se com os diferentes gêneros literários, foram trabalhados dois textos retirados de revistas de grande circulação. Assim foram escolhidos os textos: “Analfabetos Voluntários”, onde se lê que: “Quem não lê nem escreve nunca, embora saiba como fazer as duas coisas, não tem realmente nenhuma vantagem prática em relação a quem não sabe ler nem escrever – como ensina Mark Twain, não vale mais do que um analfabeto puro, simples e legítimo. (GUZZO, Veja, 11/06/2014, p. 100-101); e o texto de Lya Luftt, “Aulas de Mediocridades” (Veja, 21/05/2014, p. 24). Esses artigos contribuíram de forma atual e motivadora, levando os alunos a conhecerem e assim diferenciarem os diferentes tipos de textos.

Essa etapa foi finalizada com uma mesa redonda, com os seguintes tópicos em discussão: “Eu não leio porque não quero ou a sociedade não quer me ver como um leitor?” – “Como devo proceder: aceitar e ficar em uma zona de conforto ou transformar-me em um cidadão questionador?”. Essa discussão aconteceu nas salas, envolvendo os alunos; cada um falou sobre o que agora pensam sobre leitura e escrita e conscientizaram-se de que sua postura perante a leitura era por falta de conhecimento.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado despertar vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (Vigotski, 1999a, p. 118).

4^a etapa – Nesta etapa, o aluno já se encontrava pronto e a mediação concretizou-se apenas em distribuir livros de acordo com o gosto do leitor/aluno, pois agora já poderíamos considerá-lo leitor, frente a todo o trabalho desenvolvido até o momento e também apto a escolher o seu livro, pois teve acesso a diferentes gêneros literários. Cada turma escolheu um autor; cada aluno leria três livros de cada escritor escolhido e apresentaria um seminário para falar da obra ressaltando: biografia, temática, materialização da obra (capa e material utilizado – o tipo de papel), edição, ano da primeira edição, editoras, momento histórico da obra, foco narrativo e responderiam as seguintes perguntas: “Por que ler a obra?”, “O que me chamou mais atenção?”, “Por que não ler, em minha opinião, essa obra?”.

Roger Chartier visa recuperar o funcionamento dialético do processo: atravessado pelas práticas vigentes no meio em que vive, o leitor as absorve e as reproduz; mas a incorporação delas dá-se sob a forma de interpretação, de modo que, ao fazê-lo, ele interfere sobre o mundo posto à sua frente. (ZILBERMAN, p. 84, 2001)

Após a leitura e o seminário na sala de aula de diferentes livros do autor escolhido, cada turma faria uma apresentação na feira **FLIR**, “Feira Literária de Irupi”. Esse seria o ponto culminante do Projeto, que nasceu justamente depois de todas essas ações que tiveram um efeito fabuloso. Assim aconteceu todo o processo de desenvolvimento do trabalho, no qual os alunos escolheram o autor, leram as obras desejadas, sabendo o porquê de não querer ler tal obra e, assim, foram se encantando pelos livros.

Na apresentação, foi realizada uma divisão dos autores e obras para facilitar o trabalho no decorrer da feira, porém, ressaltamos que foram escolhidos pelos próprios alunos.

5^a etapa – Esse foi o ponto culminante do Projeto e ocorreu no período de 11 a 16 de agosto de 2014. Nos dias 11 e 12 de agosto, os alunos prepararam todo espaço para a apresentação da feira à comunidade escolar e local, com salas temáticas que enriqueceram todo o trabalho desenvolvido. As salas foram cuidadosamente decoradas de acordo com o tema e o livro escolhido pelo aluno. Foram salas que, ao entrar, o visitante sentia-se dentro do livro. As dificuldades encontradas foram superadas e solucionadas pelos estudantes, porque não houve material nem verba suficiente para ilustração; o espaço escolar era limitado pelo fato de a escola encontrar-se em reforma, e os alunos tiveram que ficar na escola nos três turnos. Foi feita uma parceria com a prefeitura de Irupi que

ajudou no transporte, hospedagem e alimentação dos convidados e a Câmara Municipal cedeu espaço para que fossem ministradas as palestras dos escritores convidados Pedro J. Nunes e Wilson Coelho e o presidente da Academia Iunense de Letras José Olímpio. O momento foi importante, pois os alunos tiveram oportunidade de discutir o papel do escritor, os problemas enfrentados para editar um livro, como surge a profissão de escritor, quais são os maiores desafios encontrados na sociedade por um escritor. Houve a participação da escola municipal com várias apresentações da obra de Vinícius de Moraes, com alunos da rede municipal e distritos, visitando as salas temáticas e também apresentações culturais realizadas pelos alunos da escola.

Depoimento de Alunos

Minha experiência de leitura iniciou quando a professora Adileusa propôs que a nossa turma fizesse a leitura de Dom Casmurro. Confesso que foi a primeira experiência real, pois antes a minha leitura era porque tinha avaliação e só pensava em nota. Porém a leitura de Dom Casmurro foi diferente, apesar de ser muito intensa, onde eu tive uma grande dificuldade de compreender e interpretar. Além disso, o autor fazia várias citações de Otelo, obra de Willian Shakespeare. Então, tive que ler Otelo para compreender o que o autor queria passar em Dom Casmurro. Foi a partir dessas leituras que se iniciou a FLIR e, a partir da feira, eu percebi o quanto a leitura é importante em nossas vidas e o quanto nós podemos questionar a sociedade e adquirir cultura através de um livro.

Aluna: Kelly Silva – 2º EM V02

Minha experiência de leitura começou quando a professora Adileusa nos apresentou o livro “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes. O objetivo era aguçar o conhecimento, acordar aquilo que estava dormindo: a vontade de ler. Quebrando o mito de que ler não era bom, ler fazia mal, deixava louco. Surgiu a ideia de uma feira literária, a FLIR, o evento ganhou uma proporção gigantesca nos apresentando novas ideias de leitura, novos modos de entender o que foi lido. A FLIR mudou muito a vida de todos e abriu minha mente mostrando que conhecimento é essencial e só iremos adquiri-lo lendo.

Aluno: Guilherme Nascimento Faria – 1º EM V02

Minha experiência de leitura começou quando a professora de Português/ Literatura propôs para nossa turma ler o livro A Revolução dos Bichos, de George Orwell. Um ótimo livro, onde conseguimos trazer a leitura para o nosso dia a dia. Logo após a leitura deste livro, a professora trouxe para nós o clássico “Pequeno Príncipe”, onde fizemos um seminário e montamos a sala temática na “FLIR”. Durante a FLIR ao ouvir palestras, e interessei mais pela leitura. Após a feira literária, Adileusa trouxe novamente mais livros para leremos e o meu entendimento e que a minha turma se desenvolveu. Ganhamos conhecimento que só através da leitura poderíamos conhecer.

Aluna: Thais Cristina Rosa de Lima – 8ª EF V 03

Referências

CHARTIER, Roger. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216.

_____. A História Cultural: Entre práticas e representações. Tradução de Maria Gabriela Galhardo. In: _____. *Memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Revista VEJA. Edição 2377 – Ano 47 – n. 24 – 11 de junho de 2014. p. 100-101.

Revista VEJA. Edição 2374, de 21 de maio de 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

BARCA DOS LIVROS: UMA BIBLIOTECA COM ALMA

Tânia Piacentini¹

A Biblioteca Comunitária Barca dos Livros foi idealizada pela Sociedade Amantes da Leitura, ONG criada em 2003, em Florianópolis, e abriu suas portas em 02 de fevereiro de 2007. O objetivo principal, nesses oito anos de funcionamento, tem sido difundir a leitura literária como instrumento de afirmação cultural e de cidadania. Conta com um acervo de mais de 15.000 livros, atualizado anualmente com obras novas recebidas das editoras, em decorrência do trabalho profissional do Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) como votante junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e por meio de doações e aquisições de obras para adultos.

A formação do leitor exige um permanente e renovado contato com textos escritos disponíveis sob a forma de livros, revistas, jornais, em lugares e contextos motivadores da leitura. É a biblioteca o lugar mais adequado para que o direito a essa convivência seja incentivado e exercido por todo cidadão de qualquer classe social e de qualquer idade. Para a sua formação como leitor, então, o acesso à leitura literária é fundamental e decisivo desde cedo, pois a literatura auxilia no desenvolvimento e enriquecimento ético, estético e afetivo de todas as pessoas. Por comungar totalmente com essa premissa, definimo-nos como uma biblioteca de literatura e artes, sendo nosso acervo especializado em literatura infantil, juvenil e para adultos, em língua portuguesa e línguas estrangeiras (inglês, francês, alemão, italiano).

Um dos maiores fatores de inclusão social é, necessariamente, o acesso aos bens culturais impressos, à inclusão cultural. Com o objetivo de formar leitores, a leitura não pode ser um trabalho esporádico; é prática cultural, experiência, prazer, identificação, alimento para o imaginário, compreensão da realidade, conhecimento de novas culturas, forma de interação com o outro, descoberta de novos mundos e, portanto, de contato com as diferenças culturais, étnicas, linguísticas, sexuais, propiciando o aprendizado do respeito e a convivência com essa diversidade de que se compõem a humanidade e o mundo grande, que se apequena e se aproxima com as novas tecnologias.

A Barca dos Livros, portanto, tem como proposta a realização de ações educacionais e culturais direcionadas à formação de um público leitor, voltadas preferencialmente a crianças e adolescentes, sem descuidar da necessária capacitação dos mediadores de leitura (professores, arte-educadores, agentes culturais comunitários). Suas ações facilitam o acesso ao livro e à leitura, promovendo uma política de leitura e cultura, lazer e entretenimento que mobiliza cerca de 3 mil pessoas/mês. Organizada em espaços especiais para diferentes faixas etárias e atividades específicas, a Biblioteca Comunitária Barca dos Livros cumpre seu papel a) na formação do leitor, por meio do atendimento especializado ao leitor de todas as idades e o incentivo à leitura, com a realização de atividades como narração de histórias, leitura em voz alta, teatro infantil, espetáculos musicais, cursos e oficinas; b) na formação do mediador através de cursos e oficinas; c) e de inclusão social, que se consolida com a participação ativa e constante dos membros das várias esferas da sociedade: as visitas das escolas, a doação de livros para outras instituições, a participação gratuita ou a preços simbólicos nas diversas atividades culturais realizadas na Biblioteca ou na comunidade, para que a leitura se torne parte de cada um, e cada um desses leitores possa replicar seu amor pelos livros e transformar sua capacidade leitora em participação consciente e cidadã na vida pessoal e comunitária. É este o papel de uma biblioteca: investir, de forma lúdica e atrativa, na valorização social da cultura letrada e na formação de leitores (crianças, jovens e adultos). Essa tarefa não é fácil, mas contamos com o apoio de voluntários e funcionários dedicados à realização de várias ações, dentre as quais destacamos:

¹ Coordenadora da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros.

- a) a “Escola Vai à Barca” – a atividade ocorre todas as quartas-feiras, de março a dezembro. Trata-se de visita previamente agendada de turmas de alunos, e dura cerca de uma hora, dependendo da faixa etária dos visitantes. São três visitas, um grupo pela manhã e dois grupos à tarde. A visita é dividida em dois momentos, o primeiro de leitura individual ou em pequenos grupos e exploração do acervo, e logo após, o momento da leitura em voz alta e ou narração de histórias. O primeiro momento serve para que as crianças explorem o acervo da biblioteca autonomamente, folheando os livros e lendo as ilustrações e os textos ou ouvindo a leitura feita pelo mediador. Esse período é variável, de acordo com a idade e interação de cada grupo, e sua importância reside na proximidade com o livro. Nessa etapa participam todos os mediadores de leitura, aqui considerados os professores e demais acompanhantes das crianças (estagiários, pais e outros), bibliotecária e contadores de histórias da Barca dos Livros. O segundo momento, de leitura em voz alta e narração de histórias, fica a cargo da equipe da Barca. Os livros e as histórias são preparados de acordo com a faixa etária de cada grupo (as escolas recebem documento de orientação aos professores e acompanhantes dos alunos e trazem autorização de uso de imagem para divulgação do evento; as crianças, professores e acompanhantes recebem orientação impressa para fazerem carteirinha de leitor).
- b) Núcleo de Estudos e Pesquisas em Literatura – análise do acervo, crítica de livros, produção de resenhas, comentários e textos sobre as obras literárias. Compõe a comissão avaliadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que estabelece 17 premiações anuais em nível nacional.
- c) Histórias na Barca dos Livros: todo segundo sábado de cada mês, aluga-se um barco baleeira, com capacidade para cerca de 70 pessoas, consideradas como crianças de todas as idades, para realizar dois passeios na Lagoa da Conceição, com contadores de histórias, música e livros. Cada passeio dura cerca de 50 minutos, e, enquanto o barco se afasta dos trapiches, as pessoas manuseiam e leem os livros disponíveis, apreciam a paisagem e se distraem; no meio da Lagoa, o barco desliga o motor e os contadores e músicos iniciam a função. Ao final, há o sorteio de um livro, liga-se o motor e retorna-se aos trapiches em meio à cantoria – “todo mundo conta histórias/todo mundo tem seu jeito/de abrir o universo/que está dentro do seu peito//[...]” (autora: Rosana de Almeida)
- d) Encontro com Autores/Illustradores/Artistas diversos: mensal ou bimestralmente ocorrem encontros com escritores, ilustradores, fotógrafos, músicos, para discorrer sobre seu trabalho, ler trechos de suas obras, fazer exposições, lançar livros, realizar demonstrações do processo criativo, fazer recital de música ou canto, enfim, conversar com o público. Obras para crianças, jovens e adultos são apresentadas alternadamente, para atender diferentes faixas etárias de leitores. As atividades podem ser para crianças e seus adultos, ou para crianças de todas as idades.
- e) Terça Encont@os – todas as terças-feiras, contadores de histórias profissionais e ou em formação se reúnem na Biblioteca para trocar experiências, discutir técnicas, assistir a vídeos, ensaiar novas histórias. O grupo é aberto a todos os interessados, e alguns desses contadores participam dos passeios de barco e das visitas das escolas.

Poderíamos citar os números desses oito anos, que são altamente significativos, mas rígidos. A alma da Barca dos Livros se expressa nos sorrisos dos leitores, na alegria das crianças, na emoção das pessoas de todas as idades que participam de nossas atividades e vêm à Barca para buscar livros, trocar impressões, enfim, participar do encantamento e afetividade que o mundo dos livros empresta à vida cotidiana.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA “DONA MARIINHA”: A LITERATURA COMO PROMOTORA DA CIDADANIA

Rejane de Souza¹

De personalidade idealista, humanista e alimentada pelo desejo de atuar em ações sociais, em sua terra natal e região, a professora, mestre e doutoranda em Literatura Comparada, Rejane de Souza, criou, há um ano, uma biblioteca comunitária no distrito de Tororomba, no município de Nísia Floresta (RN).

A criação de um Ponto de Leitura nasceu com a perspectiva de promover a literatura e a cultura como instrumento de cidadania das crianças de jovens de Nísia Floresta e regiões vizinhas. Natural da própria cidade de Nísia Floresta, que fica a 28 quilômetros da capital do Rio Grande do Norte e, atualmente, tem cerca de 24 mil habitantes, Rejane de Souza, ao retornar à sua terra natal, após 30 anos morando na capital, percebeu a grande carência de bens culturais no local. Embora detenha esse universo populacional, não existe biblioteca pública que funcione, nem livraria. O único meio de informação na rede virtual é um blog que se responsabiliza em socializar informações e uma rádio comunitária.

Outro levantamento realizado pela professora foi sobre o nível socioeconômico da população, que se revelou bastante preocupante: somados os percentuais de indigentes e pobres, na região, chega-se a quase 90% da população.

Movida por essa realidade, a professora Rejane de Souza despertou a sensibilidade de um empresário da capital que fez a doação de um espaço – livros e mobiliários para implantar uma biblioteca que envolvesse a comunidade e pudesse fomentar a leitura e divulgar a cultura da região. Este localiza-se na zona rural, em um distrito denominado Tororomba e foi implantado no dia 27 de julho de 2013, com a aceitação de um grupo de jovens e professores que mora no entorno, que, desde a sua criação, são voluntários do projeto. A biblioteca fica aberta à comunidade e se mantém somente através do trabalho do voluntariado de poucos parceiros e muitos amigos que contribuem para que o ponto de leitura alcance seu objetivo: incentivar as crianças e jovens a ler e fomentar o desejo pelo livro e pela valorização da cultura da região.

Após um ano de implantação, a biblioteca já havia recebido mais de mil crianças e um grupo de escritores e agentes culturais do Estado do Rio Grande do Norte que doaram seu talento e criatividade aos eventos literários e culturais promovidos para a comunidade e também cidades vizinhas, que os visitam regularmente.

Além desse público, visitantes ilustres já estiveram desenvolvendo oficinas de contação de histórias para as crianças, como Celso Sisto e a filha de Câmara Cascudo, a escritora potiguar Ana Maria Cascudo. O pioneirismo do trabalho que realizamos no espaço já rendeu matéria para a mídia local (TV Bandeirantes) e palestra em uma das feiras do livro mais importantes do Estado do Rio Grande do Norte, que ocorre anualmente dentro do calendário cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O fruto das várias ações de fomento e mediação do livro e leitura foi realização da I Feira Literária de Nísia Floresta – I FLINÍSIA. O histórico das inúmeras ações exitosas deste Ponto de Leitura possibilitou a aprovação do Núcleo de Literatura Nísia Floresta pelo Movimento por um Brasil Literário.

¹ Coordenadora da biblioteca comunitária. E-mail: aminasouza@yahoo.com.br.